

Ruim é o seu preconceito¹

Júlia Godinho Santos²,
João Turquiai Junior³,
Universidade Metodista de Piracicaba

Resumo

A reportagem da revista Painel, de dezembro de 2015, traz como foco, a luta das mulheres contra o preconceito em relação aos seus cabelos crespos e cacheados. Com relatos de pessoas que já sofreram algum tipo de discriminação por causa de seus fios, que não são considerados sofisticados ou da moda. A reportagem também procura mostrar a luta das mulheres negras pelo seu espaço e o direito de usar seus cabelos da forma que julgarem melhor. Na matéria também, é tratado à falta de cuidados que cabeleireiros têm com os cabelos crespos, na maioria das vezes, acabam aconselhando as mulheres a alisarem seus cachos.

Palavras-chave

Cabelos; Crespo; Mulheres; Revista; Preconceito

INTRODUÇÃO

As mulheres, principalmente negras, são levadas, desde muito novas, a acreditar que seus cabelos são feios. A mídia estabeleceu que cabelos crespos são sinônimo de descuido e sujeira. Mas cada vez mais, vêm aumentando o movimento em busca da libertação dos cachos, mulheres do mundo inteiro estão assumindo seus fios crespos e lutando contra o preconceito. “Se assumir como crespa tornou-se um ato político”. A matéria da revista Painel mostra como essas mulheres estão se libertando, se assumindo e lutando contra o preconceito.

OBJETIVO

Essa revista, tem como função informar através de suas matérias e reportagens. A revista Painel, de dezembro de 2015, mostra a luta de pessoas, principalmente negras, contra o preconceito em relação aos seus cabelos crespos. Essa matéria é um produto do Laboratório de Jornalismo da Faculdade de Comunicação (FACOM) da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP).

JUSTIFICATIVA

A 82ª edição da revista painel traz como tema a diversidade, todas as suas matérias, de alguma forma falam sobre isso, não apenas a diversidade de pessoas, mas também sobre

diferentes tipos de tratamentos, crenças e até mesmo gastronomia. A reportagem que conquistou a capa também fala sobre o assunto. A matéria “Ruim é o seu preconceito”, não foge do contexto e fala sobre a variedade capilar da mulher brasileira.

A ideia para a matéria surgiu após várias marchas que aconteceram pelo Brasil, de mulheres protestando contra os padrões impostos pela mídia. Após esses protestos foi possível ver a importância desse assunto.

Mais do que falar sobre cabelos, a matéria fala sobre preconceito, sobre as dificuldades que uma criança enfrenta e sobre como uma pessoa pode passar por discriminações por causa de seus fios crespos.

Um dos focos da matéria era dar uma representatividade para essas mulheres que sofrem discriminação todos os dias, que sofrem com a falta de emprego, com o término de relacionamentos, entre tantos outros tipos, tudo por assumirem seus fios que nascem naturalmente e não aderirem aos alisamentos. A representatividade das mulheres negras é um assunto muito delicado, e a reportagem sempre toca nesse assunto.

O jornalista entra em contato com um acontecimento, que ele computa e sobre o qual cogita. Mas ele precisa de mais informações e de depoimentos que deem legitimidade ao relato. Então, entra em contato com as representações das fontes sobre o fato. O jornalista conhece os dados, enriquece sua percepção, realiza a análise e sintetiza, oferecendo a sua representação ao leitor – ainda que a “sua” história não seja apenas sua, tendo também influências de outros profissionais, como o editor.

(AZUBEL, 2012, pg.272)

Uma revista pode ter um grande alcance, e ter o poder para dar voz ao grupo que sofre constantemente é algo muito importante, a matéria tem como principal objeto acabar com preconceitos e ajudar as pessoas a se libertarem dos padrões impostos pela mídia.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Além da capa, a reportagem ocupa quatro páginas da revista Painel, edição 82. Foram utilizados, na realização da matéria, diferentes tipos de conceitos jornalísticos e pesquisas. Foi estudada a relevância do assunto no contexto social e foi observado se a reportagem se encaixava com algum dos critérios de noticiabilidade, o que fazia aquilo relevante para a sociedade. “Nelson Traquina, ao falar da teoria etnoconstrucionista, entende que as notícias

são o resultado de um processo de produção definido como a percepção, a seleção e a transformação de uma matéria-prima (principalmente os acontecimentos) num produto (p.94).” (Silva, 2005, p. 97).

Foram utilizadas, também, diferentes fontes, especialitas no assunto e pessoas que sofreram algum tipo de discriminação. As fontes form de extrema importacia para a construção da matéria, sem elas não seria possivel relatar muito dos assuntos tratados.

Boas fontes são o sangue da vida do jornalismo. Se não houvessem pessoas dispostas a falar conosco ou responder às nossas perguntas, o jornalismo não iria sobreviver. Os jornalistas podem se orgulhar da eloquência com que contam uma história, mas até os melhores repórteres sabem que eles são apenas tão bons quanto suas fontes.
(White, Aidan, 2015).

O conceito de *gatekeeper* r também foi utilizado, pois era necessário entender o que era mais relevante na hora de expor o trabalho. Nem tudo que era tratado com as fontes ou em pesquisas eram, necessariamente, importante para a matéria.

A teoria do *gatekeeper* avança igualmente uma concepção bem limitada do trabalho jornalístico, sendo uma teoria que se baseia no conceito de “seleção”, minimizando outras dimensões importantes do processo de produção das notícias, uma visão limitada do processo de produção das notícias.
(TRAQUINA, 2005, p. 151).

Algo que acontece no jornalismo, e não é diferente em uma revista, é a reintrodução, o jornalista nunca consegue, apesar de tentar, não se colocar no lugar daquele que é entrevistado. Durante as pesquisas feitas para o tema, procurou-se se afastar ao máximo da parciabilidade.

O jornalismo de revista só é possível através da reintrodução do sujeito produtor do conhecimento. Desse modo, preceitos jornalísticos consagrados, como objetividade, imparcialidade e isenção, soam ultrapassados no caso veículo de características interpretativas aqui em foco. Eles apenas existem em coexistência, política, com seus opostos.
(AZUBEL, 2012, pg.271)

Para as fotografias, modelos de diferentes padrões participaram. Tão importante quanto mostrar os cabelos crespos e suas variações, era mostrar a diversidade de pessoas que os assumiram. As fotos foram feitas em estúdio, para que o foco fosse para as modelos e não o ambiente.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Em 2015 aconteceram em várias cidades de Brasil, as chamadas Marchas das cacheadas e crespas, após relatos de muitas das mulheres que participaram desses encontros, percebeu-se que o assunto era mais relevante do que parece. Após algumas semanas aconteceu na cidade de Piracicaba um encontro, com o mesmo nome, onde muitas mulheres, crianças e homens relataram suas experiências após assumir seus cabelos crespos. Muitas relataram a dificuldade que enfrentaram para conseguir empregos, relacionamentos que acabaram e olhares de julgamentos que receberam da população, que não está acostumada a ver pessoas exibindo seus cabelos crespos com orgulho.

Esse assunto, cada vez mais, vem chamando a atenção das pessoas, blogueiras, youtubers entre outras, estão colocando em pauta o orgulho negro e orgulho sobre seus cabelos. Em todos os lugares é possível encontrar alguém exibindo orgulhosamente seus cachos.

Foi encontrada na cidade de Piracicaba uma das poucas pessoas especialistas em tratar de cabelos crespos. Nesse encontro, e em outros relatos também, foi possível observar as mesmas queixas, sobre a falta de produtos específicos e o descaso de outros cabeleireiros.

Após pesquisas e leituras, notou-se que os depoimentos são sempre parecidos e que as pessoas que se assumem sofrem discriminações muito parecidas, mas mesmo assim resolveram continuar lutando contra isso para principalmente ajudar aos mais novos e aqueles que não se sentem bem com eles mesmos.

CONSIDERAÇÕES

Fazer uma reportagem sobre preconceito é sempre algo muito profundo, que pode transformar a cabeça de uma pessoa. A matéria fala sobre cabelos, mas isso é um tema muito mais profundo do que parece, pois, milhares de mulheres, homens e crianças, sofrem por causa disso. A mídia impôs o que é bonito e o que não é, e as pessoas mais afetadas por isso são os negros. Muitos jornalistas não teriam interesse em falar sobre esse assunto, pois a princípio, parece superficial e sem importância. Apenas as pessoas que sofreram por isso conseguem expressar o quão importante isso é.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. Universidade federal de São Carlos: 2005. Disponível em

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091/1830>, Acessado em 09/05/2016.

WHITE, Aidan. **A importância da proteção das fontes de informação jornalística**.

Publicado em Observatório de Imprensa. Disponível em

<http://observatoriodaimprensa.com.br/privacidade/a-importancia-da-protecao-das-fontes-de-informacao-jornalistica/>. Acessado em 09/05/16.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** – Volume 1. Florianópolis. Insular

AZUBEL, Larissa Lauffer Reinhardt. **Jornalismo de revista: um olhar complexo**.

Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), 2012. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/58942/pdf>, acessado em: 09/05/16

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria: Reportagem em Jornalismo impresso (avulso)

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso: jornalismo email: julia.godinhosantos@hotmail.co¹

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso: jornalismo email: joaturquiai@hotmail.com

